


# As Práticas e a Docência em Música 2

Cláudia de Araújo Marques  
(Organizadora)



# As Práticas e a Docência em Música 2

Cláudia de Araújo Marques  
(Organizadora)

*2020 by Atena Editora*

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P912 As práticas e a docência em música 2 [recurso eletrônico] /  
 Organizadora Cláudia de Araújo Marques. – Ponta Grossa, PR:  
 Atena, 2020.  
  
 Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-86002-83-6  
 DOI 10.22533/at.ed.836200204  
  
 1. Música – Instrução e estudo. 2. Prática de ensino.  
 3. Professores de música – Formação. I. Marques, Cláudia de Araújo.  
  
 CDD 780.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A coleção “As Práticas e a Docência em Música 2” é uma obra que tem como objeto de reflexão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da educação musical e das práticas musicas.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à musical nas suas relações de ensino-aprendizagem, práticas musicais, música e cultura. A música em seus diversos campos de conhecimento tem avançado em fazeres integrando ações que venham aperfeiçoar o pluralismo musical, seja na pesquisa, na educação musical ou na interpretação.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e todos aqueles que de alguma forma se interessam pela música em seus aspectos multifacetado. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes estudos sobre o fazer musical com dados substanciais de regiões específicas do país é muito relevante, assim como abordar temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo, a obra *As Práticas e a Docência em Música* apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Cláudia de Araújo Marques

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ASPECTOS CULTURAIS DE ESCOLAS DE MÚSICA PÚBLICAS DA BAIXADA LITORÂNEA DO RIO DE JANEIRO: ENTREVISTA A EX-ALUNOS QUE ATUAM PROFISSIONALMENTE	
<a href="#">Fabiano Lemos Pereira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8362002041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
MÚSICA FOLCLÓRICA E EDUCAÇÃO MUSICAL	
<a href="#">Cristina Rolim Wolffenbüttel</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8362002042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
ENSINO DE PERCEPÇÃO MUSICAL: UMA EXPERIÊNCIA COM TURMAS INICIAIS E INICIADAS SOB O VIÉS DO TRADICIONAL E DA LINGUAGEM MUSICAL	
<a href="#">José Simião Severo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8362002043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
GRUPO CHORINHO NA PRAÇA: APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PARA REALIZAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL COLETIVA DA RODA DE CHORO - JARDIM CAMBURI / VITÓRIA - ES	
<a href="#">Marcelo Rodrigues de Oliveira</a>	
<a href="#">Michele de Almeida Rosa Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8362002044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
O USO PEDAGÓGICO DO <i>SOFTWARE</i> MUSIBRAILLE: PROFESSOR E ALUNOS INICIANTE NA MUSICOGRAFIA BRAILLE	
<a href="#">Leonardo Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8362002045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL À NOÇÃO DE MÚSICA	
<a href="#">Leandro Augusto dos Reis</a>	
<a href="#">Francismara Neves de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8362002046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
DESPIQUE TROPICAL - A RIVALIDADE NAS MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
<a href="#">Antonio Henrique Seixas de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8362002047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLÊSA : PROPOSTA METODOLÓGICA COM APLICAÇÃO NA MÚSICA	
<a href="#">Eliel Viana Rodrigues</a>	
<a href="#">Anne Louise Fernandes de Medeiros</a>	
<a href="#">Poliana Silva Costa</a>	
<a href="#">Rilma Ferreira de Araújo</a>	

Oselita Figueiredo Corrêa  
Armando de Nazaré Fayal Barra  
João Batista Santos de Sarges  
Maria da Trindade Rodrigues de Sarges  
José Francisco da Silva Costa

**DOI 10.22533/at.ed.8362002048**

**CAPÍTULO 9 ..... 103**

PERFORMA: PRÁTICAS EXTENSIONISTAS EM DIÁLOGO COM A PRÁTICA DA PESQUISA EM MÚSICA

Joyce Maria dos Reis Santana  
Simone Marques Braga  
Sílvia Azevedo de Oliveira  
Wellington Nonato dos Santos  
Vanessa Victória Silva Pereira  
Paulo Roberto Simões Torres  
Maria Vanessa Brito de Oliveira Quade  
Camilo de Jesus Nascimento  
João Vitor Oliveira Sodré Alencar Machado  
Laís de Souza Silva  
Alan Silva de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.8362002049**

**CAPÍTULO 10 ..... 115**

O USO DOS SONS, DOS RITMOS E DAS RIMAS NO TEXTO LITERÁRIO COMO UM RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LITERATURA

Maria Beatriz Licursi Conceição

**DOI 10.22533/at.ed.83620020410**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 123**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 124**



## GRUPO CHORINHO NA PRAÇA: APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PARA REALIZAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL COLETIVA DA RODA DE CHORO - JARDIM CAMBURI / VITÓRIA - ES

Data de aceite: 27/03/2020

Data de submissão: 03/01/2020

### Marcelo Rodrigues de Oliveira

Faculdade de Música do ES Maurício de Oliveira  
Vitória – ES

<http://lattes.cnpq.br/8695690967202845>

### Michele de Almeida Rosa Rodrigues

Faculdade de Música do ES Maurício de Oliveira  
Vitória – ES

<http://lattes.cnpq.br/6099082461466478>

**RESUMO:** Este artigo é um recorte da Dissertação de Mestrado, em andamento, de um dos autores, sobre a dicotomia entre o ensino erudito e o ensino popular com foco na formação em música. Neste trabalho, a abordagem gira em torno do grupo *Chorinho na Praça* em Jardim Camburi / Vitória – ES. Trata-se da principal atividade musical no Estado do Espírito Santo, nesse seguimento em praça pública. Atualmente, os autores são participantes efetivos desse grupo. A pesquisa constará de um relato pessoal cedido pelo responsável do grupo e informações coletadas dos músicos que tem participação efetiva. Os resultados apontaram diferentes interesses

que indicaram o grau de satisfação das inter-relações, das aprendizagens musicais e da apreciação musical do repertório que mantém, em sua exclusividade, grandes compositores da história do choro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roda de choro. Grupo Chorinho da Praça. Inter-relações.

CHORINHO IN THE SQUARE:  
APPROPRIATION OF THE PUBLIC  
SPACE FOR THE REALIZATION OF THE  
COLLECTIVE MUSICAL PRACTICE OF THE  
CHORO ROD - JARDIM CAMBURI / VITÓRIA  
- ES

**ABSTRACT:** This article is a cut of the master's dissertation, in progress, of one of the authors on the dichotomy between the teaching erudite and the teaching popular focusing in the formation in music. In this paper, the approach revolves around the group '*Chorinho na praça*' in Jardim Camburi / Vitória- ES. It's about the main music activity in the state of Espírito Santo in this segment in public square. Currently, both authors are effective participants of this group. The research will consist of a personal report given by the responsible of the group and information collected from the musicians who

has effective participation. The results showed different interests that indicated the degree of satisfaction of interrelations, of the musical learnings and of the musical appreciation of the repertoire that keeps in its exclusive, large composers in the history of 'Choro'.

**KEYWORDS:** Roda de choro. Group Chorinho da Praça. Interrelations.

## 1 | INTRODUÇÃO

Os autores deste artigo são músicos com formação acadêmica que se propuseram estudar o repertório do choro a partir das vivências que são oriundas do ambiente informal que realiza essa prática musical coletiva. A descrição se refere a roda '*Chorinho na Praça*' que ocorre aos domingos das 10 horas às 14 horas no bairro Jardim Camburi / Vitória – ES. Nosso primeiro contato foi com o Sr. José Leandro da Silva que nos recebeu muito gentilmente. A intenção era nos aproximarmos para conhecer o trabalho que é considerado o único, em todo Estado do Espírito Santo, que mantém a exclusividade do re-pertório do choro realizado em praça pública.

Após algumas visitas, decidimos ingressar com a condição de que as ausências seriam avisadas antecipadamente. Isso ocorre com os demais veteranos, sendo o diferencial que caracteriza o perfil de um músico efetivo do visitante ou voluntário (aquele conhecido que, estando presente, recebe o convite para dar uma 'palhinha').

Nossa justificativa se dá pelo fato de que as aprendizagens informais são constituídas de modo propiciar a convivência entre diferentes perfis de músicos e, os motivos dessa identificação podem ser atribuídos por diversos fatores. O momento para esta averiguação é oportuna, haja vista que se trata de uma pesquisa em andamento e as perspectivas advindas deste artigo serão importantes na continuidade do trabalho principal que é a dissertação de mestrado (em andamento).

Disso posto, nosso objetivo geral é investigar o grupo *Chorinho na Praça* em Jardim Camburi / Vitória – ES; como objetivos específicos, temos: revisar literatura que discorre sobre a roda de choro em espaço público; descrever a história do grupo *Chorinho na Praça* com relato pessoal de seu responsável e coletar informações dos músicos que tem participação efetiva, averiguando o grau de interesse que eles têm por estarem na roda de choro.

A organização do texto apresentou uma síntese do locus da pesquisa, seguida da escolha do tema e objetivos a serem alcançados neste artigo. Na revisão de literatura, discorreremos sobre a utilização do espaço que sedia a roda de choro (SILVA, 2014), seguindo outro assunto que trata das inter-relações (extra) musicais que se dão neste ambiente informal (LARA FILHO; SILVA; FREIRE, 2011). Com base no relato histórico do grupo Chorinho da Praça e das informações dos músicos

efetivos, explicamos nossa metodologia, a análise e apresentamos os resultados obtidos.

## 2 | A RODA DE CHORO: TERRITORIALIDADE

Para introduzirmos este tópico, partimos da pesquisa realizada por Silva (2014) intitulada *O Choro, a Praça e a Feira: Apropriações do território no Rio de Janeiro*, que investigou o trabalho do grupo de choro ‘Pixin-Bodega’. O grupo é o responsável pela roda de choro ao longo dos últimos quinze anos, situado na Rua General Glicério no bairro das Laranjeiras, Rio de Janeiro. Após um período interrompido por questões políticas e culturais, envolvendo os músicos, a comunidade e o poder público, decidiu-se pelo retorno das atividades naquele espaço público.

Para Silva (2014), o choro redefiniu a forma de utilização da praça de uma área de passagem para um local de apreciação musical. Ele explica que o espaço público se fragmenta e suas particularidades são ocupadas por grupos sociais que se apropriam e alteram a forma móvel do local com uma ocupação dinâmica. As pessoas vão em direção ao movimento cultural que, nesse caso, é a roda de choro oportunizada pelo grupo “Pixin-Bodega”. Este ambiente tornou-se um elemento cultural e singular de determinado território pela capacidade de agrupar a comunidade de moradores, músicos e ouvintes num delimitado espaço público.

## 3 | A RODA DE CHORO: INTER-RELAÇÕES (EXTRA) MUSICAIS

O ambiente informal da roda de choro compõe aspectos musicais e extramusicais que ocorrem no decorrer da prática musical coletiva. Para melhor compreensão, discorreremos a abordagem partindo do trabalho realizado por Lara Filho, Silva e Freire (2011), na qual os autores fizeram um estudo etnográfico nas rodas de choro em cidades de Brasília – DF, coletando relatos de chorões e observando a importância delas para manutenção e recriação do tradicional repertório do choro.

Os autores tomam por base a concepção de Blacking (1995) de que é possível aprender música, naturalmente, por ser parte de uma coletividade humana que se expressa, entre outros, na música dessa própria coletividade. Tal pensamento é convergente entre os autores de que a interpretação é o modo como a individualidade do músico influi na particularidade da obra. Ademais, é dito que a música é compreendida como som organizado que, naturalmente, reflete a organização social nela inserida e sua interpretação deixa explícita a personalidade quanto à realidade do indivíduo.

Lara Filho, Silva e Freire (2011) fizeram menção a Moura (2004), este autor, compreende que o ambiente musical da roda de choro está indissociável do modo de vida das pessoas, seja na maneira de vestir, de comer, de beber, das formas de se expressarem, etc. Denota que os fatores descritos trás a tona uma configuração que pressupõe uma marca identitária dos indivíduos que frequentam o ambiente informal da roda de choro.

É mencionado o 'círculo', por ele evidenciar as características das pessoas que o institui, sendo os músicos (que se posicionam envoltos de uma mesa); os interessados (que apreciam a música que está sendo tocada) e os frequentadores (público transeunte). Para Lara Filho, Silva e Freire (2011), é um fator que, por vezes, não é observada pelo incorrer das relações que fazem misturar músicos, apreciadores e transeuntes.

Essa mudança de papel de quem está tocando e, em dado momento, é parte da audiência (expectador), explícita a interação social que advém do meio. É dito que a participação como a de algum músico externo, vai depender da condição do instrumentista, limitadas as participações de percussões auxi -liares com exceção de pandeiro e surdo. Para os autores, mesmo considerando um ambiente informal, a marca da informalidade não está dissociada dos aspectos sistematizados, há regras de quem irá tocar, quando, como, etc. É trazido como exemplo o caso de um violonista, cuja performance não agradara e automaticamente notada pelas expressões faciais, sendo que, caso fosse um trombonista, a suposta projeção de som contribuiria para a não continuidade na roda de choro.

Outro aspecto mencionado por Lara Filho, Silva e Freire (2011) está à noção de jogo que automaticamente é instituído no decorrer da prática musical e tido como exemplo a capoeira, mas em forma de duelo musical entre os músicos. A brincadeira em forma de jogo oportuniza que sejam manifestadas as habilidades que são reverenciadas na roda de choro pelos solistas. Sobretudo, o clima de descontração não exclui o plano de organização previsto na roda de choro.

#### **4 | GRUPO *CHORINHO NA PRAÇA*: UM BREVE RELATO PESSOAL**

Para descrição da roda de choro *Chorinho na Praça*, obtivemos informações por meio de um relato pessoal do Sr. José Leandro da Silva, violonista (sete cordas), responsável desse trabalho.

No dia 15 de marco, de 2013, um grupo de amigos liderados pelo Sr. Marcos Berger, começaram uma brincadeira na Praça Domingos (Jardim Camburi/ Vitória-ES), formado por: Marcos Berger (clarinetista), Bené (violão), Zé Roberto (violão), Bernardo (violão), Bruno (pandeiro), José Carlos (tamborim) e Armando (logística de divulgação). Após dois meses, ingressaram Genaro (cavaquinho), Vitor (pandeiro)

e Walterlei (violão oito cordas); e três meses depois, ingressa o Sr. Leandro (violão sete cordas).

A roda de choro entrou em recesso no dia 21 de dezembro de 2015 para retornar após um mês. Todavia, uma nota pública informava que o evento não retornaria com as atividades no ano seguinte, de 2016. Logo, alguns músicos se mobilizaram na expectativa de continuar com a prática musical regularmente. Fizeram uma reunião na casa de Paulo Tessarolo (atual solista/saxofonista), que contou com a presença de alguns chorões, tais como: Artur, Edu, Ivan, Vitor, Amando e o próprio Sr. Leandro com sua esposa, que também é cantora, Sra. Sônia Silva. Decidiram pela continuidade do trabalho, mas com novo nome, grupo *Chorinho na Praça*. Para tanto, foi preciso providenciar nova estrutura, já que anteriormente o material pertencia ao Sr. Marcos Berger que não continuou no grupo.

O Sr. Leandro assume o trabalho que teve início no dia 31 de janeiro de 2016. Ele considera que serão dois anos (ele cita dezembro de 2018) de um período de muitos desafios. É explicada a estrutura exigida para que o evento ocorra semanalmente, e isso o tem sobrecarregado. Ele menciona o transporte do material, a montagem do som e das barracas, a manutenção dos equipamentos, dentre outras questões mais complexas, ministrar a ausência daqueles músicos (fixos) que são tidos como essenciais para que a roda de choro de fato aconteça. Mesmo diante de tudo isso, afirma que é muito feliz.

Dentre alguns momentos críticos que o Sr. Leandro vivenciou na sua gestão, um fato marcante que ocorreu no ano passado (2017), por iniciativa de alguns moradores recorrendo à justiça para impedir o evento na praça. Porém, não houve êxito, o apoio obtido propiciou que a roda de choro se mantivesse no mesmo lugar. A mobilização a favor do grupo *Chorinho na Praça* motivou um abaixo assinado com mais de 2000 (duas mil) assinaturas, inclusive dos comerciantes ao entorno da praça que se manifestaram a favor, pois era evidente a importância do evento para circulação de transeuntes que movimenta o comércio local. Esta parceria com os comerciantes resulta em contribuições diferenciadas (ele cita alguns valores mensais em torno de R\$ 100,00; R\$ 90,00 e R\$ 80,00) para eventuais despesas que ultrapassam as doações recebidas.

Segundo o Sr. Leandro, os músicos que optaram pela permanência no grupo ajudavam como podiam. É citado o Darcy que promovia rifas para arrecadação de valores. É mencionado um valor de R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais) que não eram suficientes para a aquisição da aparelhagem que incluía: caixa de som, mesa amplificadora, pedestal, microfones e móveis (mesas e cadeiras). Esse período era de muita dificuldade, lamenta o Sr. Leandro. Sobretudo, a força de vontade o fez tomar uma decisão emergencial, que foi a de utilizar seu próprio cartão na compra de uma mesa de som e duas caixas (ativa e passiva) que somaram um valor de

R\$ 2.600,00 (dois mil e seiscentos reais). Uma contribuição vinda dos expositores no valor de R\$ 100,00 (cem reais) que quitou a primeira parcela da dívida que fora contraída.

Dentre os convidados que já estiveram no local, é citado o Vice-governador, o Prefeito da capital, deputados, senadores, vereadores, secretários, etc. Dos músicos conhecidos que já participaram do grupo *Chorinho na Praça* é mencionado Antônio Paulo (Sax), Alexandre Araújo (Bandolim), Almir Paulo (Sax), Isac do Acordeon, Eduardo do Acordeon, Alfredo do H20, Raimundo Machado (cavaquinho), Rodrigo Rosenfeld (cavaquinho, bandolin e violão), Bruno Manguiera (Violão), Adner Costa (violão), Neguinho (violão sete cordas), Luís C. Salles (violão sete cordas e baixo acústico), entre outros que não se recorda. Atualmente, a equipe é constituída por músicos fixos e, também, músicos convidados que inclui o Sr. Leandro, Magno, Renato, Walterlei (violão sete cordas); Luís Gaúcho e o Ivan (cavaquinho); Arthur (bandolim), Paulo Tessarolo (saxofones: alto e tenor); Bruno, Bacalhau, Edgar (pandeiro); Wilson (surdo); Marcelo Rodrigues (trompa) e Michele Rodrigues (flauta transversal). (Relato pessoal de José Leandro da Silva, responsável pelo grupo Chorinho da Praça, junho de 2018).

## 5 | METODOLOGIA

Considerando o espaço geográfico que concentra a estrutura da prática musical coletiva da roda de choro, estamos fazendo o registro fotográfico, acrescida da coleta de informações com músicos que tem participação efetiva. Para este artigo, utilizamos o questionário semiestruturado com questões objetivas. Isso se justifica, tendo em vista o fato desse procedimento permitir maior rapidez no preenchimento e agilidade na interpretação dos dados (GIL, 2008). Além das questões fechadas, foi acrescida uma alternativa para o entrevistado se manifestar sobre algum assunto que julgasse relevante comentar. Antes do envio, explicamos, pessoalmente, detalhes da pesquisa. O questionário foi postado no grupo online para os músicos com participação efetiva responderem.

### 5.1 Análise: coleta de dados

A coleta de informações se restringiu aos músicos que tem participação efetiva e a análise terá por base averiguar o perfil do músico e seu interesse por estar frequentando a roda de choro. Os gráficos foram utilizados a fim de melhor compreensão na descrição da interpretação dos questionários que chegaram a tempo em que a pesquisa requereu. Seguindo o critério de escolha, optamos de considerar nove participantes (efetivos) que receberam os questionários, sendo que

seis músicos retornaram na data proposta.

O primeiro quesito para análise é o perfil do músico que nos apresentou o seguinte resultado:



Gráfico 1. Perfil do músico

Fonte: Informações retirados do questionário.

Os dados mostram o que revisamos na pesquisa de Lara Filho, Silva e Freire (2011), que a roda de choro é marcada pela informalidade e pelo profissionalismo. Aqui ficou entendido que, mesmo a maioria não compondo o perfil do músico profissional (que trabalha majoritariamente com música), indica que o repertório do choro interessa suas práticas musicais. Percebe-se que o grau de satisfação é advindo de pessoas, a maioria, com outras ocupações profissionais. Rezende (2009) destaca que no início do século XX a classe média urbana era que consumia e apreciava o choro, sendo formado por funcionários públicos (militares e civis), pequenos comerciantes e músicos 'amadores' que vieram da informalidade, um contexto em que nasceu e viveu Pixinguinha.

Na sequência, vemos como se dão as aprendizagens desses músicos, ficando explícito que as fontes dos conhecimentos musicais, em sua maioria, não advêm dos ambientes formais de ensino, sendo conferido que:

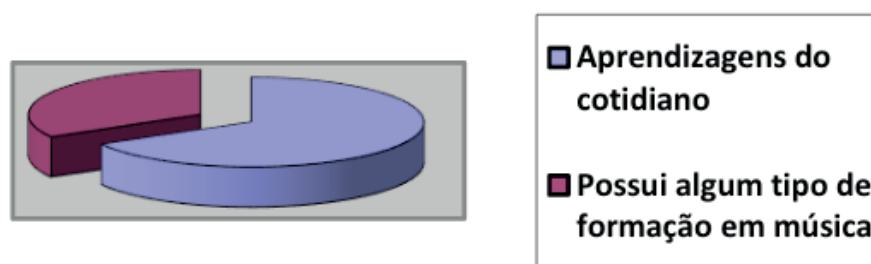


Gráfico 2. Formação musical

Fonte: Informações retiradas do questionário.

A referência de maior destaque vai ao encontro dos pressupostos de um ensino informal, sendo que:

[...] aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos (GOHN, 2006, p. 28).

Vale esclarecer que a parte que indica “formação em música” não inclui o nível de graduação em música, sendo constatado que não é o caso dos músicos que efetivamente participam desta roda de choro. Então se optou por “algum tipo de formação em música” para enquadrá-los no entendimento que, a priori, observou ser o modo como alguns se identificam.

Na continuidade, temos um assunto tão complexo ao envolver questões de leitura de partitura e o tocar de ouvido, conferindo essa estratégia que, mesmo evidente no ato da prática musical, serviu-nos para comprovar como os músicos se comportam ao serem indagados.

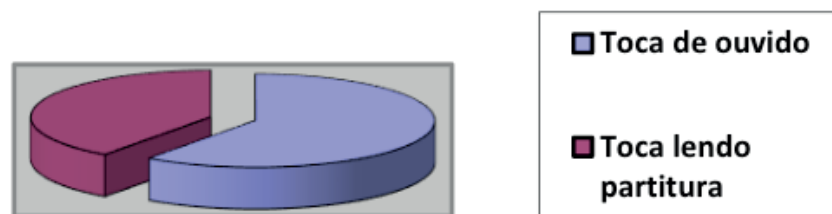


Gráfico 3. Modo de tocar choro

Fonte: Informações retirados do questionário.

Como havíamos dito no preâmbulo deste assunto, a complexidade propicia outras abordagens que neste trabalho não foi possível maior aprofundamento. É percebido o fato de se orgulharem pela habilidade de tocar de ouvido, improvisar, entre outras habilidades que não faça depender da leitura da partitura. Na época dos “regionais”, Cazes (1998) investigou que “[...], sendo uma formação que não necessitava arranjos escritos, tinha a agilidade e o poder de improvisação para tapar buracos e resolver qualquer parada no que se refe-risse ao acompanhamento de cantores” (p. 83).

O assunto, também, demanda de uma pesquisa mais apurada, sendo que: “Afiml, quem ‘sabe’ música? Não ‘sabe’ música o seresteiro que usando brilhantemente seu ouvido, acompanha seus parceiros para que tonalidades forem?” (ASSANO, 2001, p. 6). Esse comentário evidencia um pensamento que converge com Penna (2003), o aspecto cultural que fora historicamente construído, marcando a primazia da música notada com a consequente noção de que “saber música” ou “ser músico” corresponde à capacidade de ler uma partitura” (p. 72).

Por fim, quando falamos da roda de choro, naturalmente nos referimos aos



músicos, repertório, visitantes, relações pessoais, as performances. Bezerra (2014) menciona que a expressão 'choro' fora usada de maneiras diversificadas, tais como: a maneira de tocar, as festas, os encontros informais, as reuniões dos chorões, os agrupamentos musicais e a própria identificação de um instrumentista que tocava choro. Isso nos incitou na averiguação quanto ao grau de preferência dos músicos:



Gráfico 4. Interesse pela roda de choro

Fonte: Informações retirados do questionário.

O interesse pela roda de choro com a perspectiva de desenvolver habilidades musicais apresentou considerável concordância dos instrumentistas. Mesmo assim, não superou a preferência deles que priorizaram as inter-relações. Ademais, pressupõe que o repertório agrada de modo geral aos músicos. O fato é que, geralmente, o músico da roda de choro gosta de estar constantemente tocando, aqui se percebeu que uma parcela demonstrou que frequenta a roda, mesmo sem fazer questão de tocar.

## 6 | CONCLUSÃO

Essa proposta requereu experimentos com nossa inserção em ambientes não comuns a nossas práticas musicais eruditas. Além disso, motivou-nos às novas leituras sobre a prática musical coletiva do choro e coleta de informações na qual os resultados apontaram diferentes interesses dos envolvidos. Constatamos o grau de satisfação das inter-relações, das aprendizagens musicais e da apreciação musical do repertório que mantém, em sua exclusividade, grandes compositores da história do choro.

Ademais, vimos que o choro permite uma grandeza de abordagens em pesquisas acadêmicas pela dimensão de seus aspectos musicais e extramusicais. Essa prática musical é eficiente para agrupar a comunidade de moradores, músicos e ouvintes num delimitado espaço público, redefinindo a forma de utilização da praça, uma área de passagem para um local de apreciação musical.

## REFERÊNCIAS

- ASSANO, Christiane Reis Dias Villela. Reflexões acerca das concepções de conhecimento no contexto dos chorões. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, n.10, 2001, Uberlândia. **Anais**, Porto Alegre: ABEM, 2001. 1 CD-ROM.
- BEZERRA, Daniela Moura. Retóricas identitárias no circuito do Choro de Aracaju. **Boletim Historiar**, n. 02, mar. /abr. p. 19-34, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2125/1848>>. Acesso em: 10 de jun. 2018.
- CAZES, Henrique. **Choro: do quintal ao municipal**. 3ª Edição, Rio de Janeiro: Ed. 34, p.224, 1998.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Atlas, 2008.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362006000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362006000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 11 jun. 2018.
- LARA FILHO, Ivaldo Gadelha de; SILVA, Gabriela Tunes da; FREIRE, Ricardo Dourado. Análise do contexto da Roda de Choro com base no conceito de ordem musical de John Blacking. **Per Musi**, 23, 148-16, 2011.
- PENNA, Maura. Apre(e)ndendo músicas: na vida e nas escolas. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v.11, n.9, p.71-79, set.2003. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/402/329>>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- REZENDE, Gabriel Sampaio Souza Lima. O choro: caminhos e sentidos da tradição. In: ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – **Anais**, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/?p=14887>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- SILVA, Pedro. O Choro, a praça e a feira: apropriações do território no Rio de Janeiro. **Revista Extraprensa (USP)**, Ano VIII, nº 14 junho/2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/viewFile/85189/88040>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### B

Bandas Filarmônicas 74, 75, 76, 77, 79, 83, 84, 86, 87, 88

### C

Capital Cultural 1, 2, 3, 5, 8, 9

Chorinho 37, 38, 40, 41, 42

Chorinho da Praça 37, 38, 42

Cognições 83

Criatividade 25

### D

Desenvolvimento 14, 15, 21, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 52, 53, 57, 71, 89, 95, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 112, 113

Didáticas Variadas 23

### E

Educação Fundamental 102

Educação Musical 1, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 34, 35, 46, 47, 53, 58, 59, 61, 72, 115

Ensino-Aprendizagem 35, 47, 48, 55, 57, 90, 96, 102, 115

Ensino da Música 13, 28

Ensino Fundamental 15, 60, 102, 107

Epistemologia genética 60, 63

Escolas de Música 1, 3, 5, 6, 7, 9

Extensão 104, 105, 106, 107, 113, 114, 123

### F

Folclore 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 31, 34

### G

Gêneros Musicais 5, 6, 8, 11, 18, 19, 107, 111, 113

Grupo Chorinho da Praça 37

### I

Inter-relações 37, 38, 39, 45

### L

Linguagem 14, 23, 27, 28, 34, 60, 61, 83, 91, 92, 95, 96, 118, 119, 120

Língua Inglesa 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99

Literatura 15, 27, 28, 38, 48, 112, 115, 116, 117, 120, 121, 122

## M

Memórias 74, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 86, 88, 120

Migração 74, 76

Movimento 21, 39, 77, 118, 121

Musibaille 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

## N

Noção de Música 60, 64, 72

## P

Pedagogia Musical 7, 48

Percepção Musical 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 50, 57

Pesquisa 1, 3, 9, 13, 14, 21, 23, 25, 26, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 59, 60, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 78, 79, 84, 86, 89, 98, 101, 103, 104, 105, 110, 111, 115, 123

Práticas pedagógicas 28, 113

## R

Rimas 19, 115, 116, 119, 120

Rio de Janeiro 1, 2, 3, 21, 34, 35, 36, 39, 46, 48, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 102, 115, 120, 121, 122, 123

Ritmos 31, 32, 33, 34, 35, 115, 116, 118, 119, 120

Rivalidade 74, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Roda de Choro 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

## S

Software 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59

Sons 14, 62, 71, 72, 94, 95, 115, 116, 117, 119, 120

## U

Utilização pedagógica 47, 52, 53, 57, 58

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**